

NOTÍCIAS DO BLOQUEIO

FASCÍCULOS DE POESIA



CHARLES
WHITE
51

have

ARQUIVO L. LARA

LUCIO LARA

POEMAS DE ANTÓNIO JACINTO

POEMA DA ALIENAÇÃO

Não é este ainda o meu poema
o poema da minha alma e do meu sangue
não

Eu ainda não sei nem posso escrever o meu poema
o grande poema que sinto já circular em mim

O meu poema anda por aí vadio
no mato ou na cidade
na voz do vento
no marulhar do mar
no Gesto e no Ser

O meu poema anda por aí fora
envolto em panos garridos
vendendo-se
vendendo

«carapau sardinha matona
ji ferrera ji ferrereréé...»

O meu poema calcurreia ruas
«olha a probinchia» «diááario»
e nenhum jornal traz ainda
o meu poema

O meu poema entra nos cafés
«amanhã anda a roda amanhã anda a roda»
e a roda do meu poema
gira que gira
volta que volta
nunca muda

«amanhã anda a roda
amanhã anda a roda»

O meu poema vem do Muceque
ao sábado traz a roupa
à segunda leva a roupa
ao sábado entrega a roupa e entrega-se
à segunda entrega-se e leva a roupa

O meu poema está na aflição
da filha da lavadeira
esquiva
no quarto fechada
do patrão nuinho a passear
a fazer apetite a querer violar

O meu poema é quitata
no Muceque à porta cálida duma cubata
«remexe remexe
paga dinheiro
vem dormir comigo»

O meu poema joga a bola despreocupado
no grupo onde todo o mundo é criado
e grita

«obeçaite golo golo»

O meu poema é contratado
anda nos cafezais a trabalhar
o contrato é um fardo
que custa a carregar

«monangambééé»

O meu poema anda descalço na rua

O meu poema carrega sacos no porto
enche porões
esvazia porões
e arranja força cantando

«tué tué tué trr
arrimbuim puim puim»

O meu poema vai nas cordas
encontrou cipaio
tinha imposto, o patrão
esqueceu assinar o cartão
vai na estrada

cabelo cortado

«cabeça rapada
galinha assada
ó Zé»

picareta que pesa
chicote que canta

O meu poema anda na praça trabalha na cozinha
vai à oficina
enche a taberna e a cadeia
é pobre roto e sujo
vive na noite da ignorância
o meu poema nada sabe de si
nem sabe pedir
O meu poema foi feito para se dar
para se entregar
sem nada exigir

Mas o meu poema não é fatalista
o meu poema é um poema que já quer
e já sabe
o meu poema sou Eu-branco
montado em mim-preto
a cavalgar pela vida.

O GRANDE DESAFIO

Naquele tempo
a gente punha despreocupadamente os livros no chão
ali mesmo naquele largo — areal batido de caminhos
passados
os mesmos trilhos de escravidões
onde hoje passa a avenida luminosamente grande
e com uma bola de meia
bem forrada de rede
bem dura de borracha roubada às borracheiras do Neves
em alegre folgado, entremeando caçambulas
...a gente fazia um desafio...

O Antoninho
filho desse senhor Moreira da taberna
era o capitão
e nos chamava de ó pá,
Agora virou doutor
(cajingueiro como nos tempos antigos)
passa, passa que nem cumprimenta
— doutor não conhece preto da escola.

O Zeca era guarda-redes
(pópilas, era cada mergulho !
Aí rapage — gritava em delírio a garotada)

Hoje joga num clube da baixa
Já foi a Moçambique e no Congo
Dizem que ele vai ir em Lisboa
Já não vem no muceque

Esqueceu mesmo a tia Chiminha que lhe criou de
pequenino
nunca mais voltou nos bailes de Don'Ana, nunca mais.
Vai no Seporlingue, no Restauração
outras vezes no Choupal
que tem quitatas brancas

Mas eu lembro o Zeca pequenino

Tinha também
tinha também o Velhinho, o Mascote, o Camuindo...
— Coitado do Camuindo...
Anda lá na Casa da Reclusão
(desesperado deu duas chapadas na cara
do senhor chefe
naquele dia em que lhe prendeu a disparatou a mãe);

— O Velhinho vive com a Ingrata
drama de todos os dias
A Ingrata vai nos brancos receber dinheiro
e traz pró Velhinho beber ;
— E o Mascote ? Que é feito do Mascote ?
— Ouvi dizer que foi em S. Tomé como contratado.

É verdade, e o Zé ?
Que é feito, que é feito ?
Aquele rapaz tinha cada finta !
Hum... deixa só !

Quando ele pegava com a bola ninguém lhe agarrava
vertiginosamente até na baliza.

E o Venâncio ? O meio-homem pequenino
que roubava manga e os lápis nas carteiras ?
Fraquito das fomes constantes
quando apanhava um pinhão chorava logo !
Agora parece que anda lixado
lixado com doença de peito.

Nunca mais ! Nunca mais !
Tempo da minha descuidada meninice, nunca mais !

Era bom aquele tempo
era boa a vida a fugir da escola a trepar nos cajueiros
a roubar os doceiros e as quitandeiras
às caçambulas :
Atresa ! Ninguém ! Ninguém !

tinham sabor emocionante de aventura
as fugas aos polícias
às velhas dos quintais que pulávamos...

Vamos fazer escolha, vamos fazer escolha
...e a gente fazia um desafio...

Oh, como eu gostava !
Eu gostava qualquer dia
de voltar a fazer medição com o Zeca
o guarda-redes da baixa que não conhece mais a gente
escolhia o Velhinho, o Mascote, o Camuindo, o Zé
o Venâncio, e o António até
e íamos fazer um desafio como antigamente !

Ah, como eu gostava...

Mas talvez um dia
quando as buganvillas alegremente florirem
quando as bimbos entoarem hinos de madrugada nos
capinzais
quando a sombra das mulembeiras for mais boa
quando todos os que isoladamente padecemos
nos encontrarmos iguais como antigamente
talvez a gente ponha
as dores, as humilhações, os medos
desesperadamente no chão
no largo — areal batido de caminhos passados
os mesmos trilhos de escravidões
onde passa a avenida que ao sol ardente alcatroámos e
unidos nas ânsias, nas aventuras, nas esperanças
vamos então fazer um grande desafio...

POEMAS DE MÁRIO ANTÓNIO

LINHA QUATRO

No largo da Mutamba às seis e meia
carros pra cima carros pra baixo
gente subindo gente descendo
esperarei.

De olhar perdido naquela esquina
onde ao cair da noite a manhã nasce
quando tu surges
esperarei.

Irei prà bicha da linha quatro
atrás de ti. (Nem o teu nome!)

Atrás de ti sem 'te falar
só a querer-te.

(Gente operária na nossa frente
rosto cansado. Gente operária
braços caídos sonhos nos olhos.

Na linha quatro eles se encontram
Zito e Domingas. Todos os dias
na linha quatro eles se encontram.

No maximbombo da linha quatro
se sentam juntos. As mãos nas mãos
transmitem sonhos que se não dizem.)

No maximbombo da linha quatro
conto meus sonhos sem te falar.
Guardo palavras teço silêncios
que mais nos unem.

Guardo fracassos que não conheces
Zito também. Olhos de cinza
como Domingas
o que me ofereces!

No maximbombo da linha quatro
sigo a teu lado. Também na vida.
Também na vida subo a calçada
também na vida!

Não levo sonhos: A vida é esta!
Não levo sonhos. Tu a meu lado
sigo contigo: Pra quê falar-te?
Pra quê sonhar?

No maximbombo da linha quatro
não vamos sós. Tu e Domingas.
Gente que sofre gente que vive
não vamos sós.

Não vamos sós. Nem eu nem Zito.
Também na vida. Gente que vive
sonhos calados sonhos contidos
Não vamos sós.

Também na vida! Também na vida!

OUTROS POEMAS DO AMOR E DO FUTURO

1

Desta janela o mar
e a árvore florida, nua.
Desta janela o céu
sem uma nuvem, pleno.

(E mapas e cifras na minha mesa
são a realidade imediata).

Da ponta da caneta
não saem números, não
embora os versos escritos
desenhados.

(Há para além do que nasce
a imagem do que se espera...)

Há o encontro das seis
o teu andar inquieto
o teu andar furtivo para a esquina
«Vieste?»
e este seguir calado à tua beira
sentir tua vertigem
Poço tranquilo onde apetece olhar!

Tu ficarás nesta breve poesia
como a flor no canteiro
como o sol sobre o mar
(Feita de terra e sol
de mar e pétala).

E eis que te jugo a terra
esta paisagem rude e desigual
que termina na praia onde ficámos
(Toda a mesma revolta desolada)

E eis que te creio a esperança
homens vergados músculos tensos
homens sorrindo filhos nascendo
(A gravidez futura desta luta)

E eis que o futuro surge da tua juventude
e eis a manhã que rompe
da aurora do teu corpo.

Os sonhos trago intactos
apesar
da incerteza certa do amanhã.

Os lábios trago húmidos
apesar
desta secura que não espera chuva.

Os olhos trago abertos
apesar
deste horizonte de paredes limitantes

Em mim uma canção
nos lábios, no cérebro, nos músculos
uma canção em mim.

apesar
deste silêncio amargo
deste peso de cadáveres sobre nós.

Apesar das mortes e silêncios.

NAMORO

Mandei-lhe uma carta em papel perfumado
e com letra bonitaceu disse ela tinha
um sorrir luminoso tão quente e gaiato
como o sol de Novembro brincando de artista nas
acácias floridas
espalhando diamantes na fimbria do mar
e dando calor ao sumo das mangas...
Sua pele macia — era sumaúma...
Sua pele macia, da cor do jambo, cheirando a rosas
sua pele macia guardava as doçuras do corpo rijo
tão rijo e tão doce — como o mabeque...
Seus seios, laranjas — laranjas do Loge
Seus dentes... — marfim...
Mandei-lhe essa carta
e ela disse que não.

Mandei-lhe um cartão
que o amigo Maninho tipografou :
«Por ti sofre o meu coração»
Num canto — SIM, noutro canto — NÃO.
E ela o canto do Não dobrou.

Mandei-lhe um recado pela Zefa do Sete pedindo rogando de joelhos no chão pela Senhora do Cabo, pela Santa Ifigênia, me desse a ventura do seu namoro...

e ela disse que não.

Levei à avó Chica, quimbanda de fama a areia da marca que o seu pé deixou para que fizesse um feitiço forte e seguro que nela nascesse um amor como o meu...

E o feitiço falhou.

Esperei-a de tarde, à porta da fábrica, ofertei-lhe um colar e um anel e um broche, paguei-lhe doces na calçada da Missão, ficámos num banco do largo da Estátua, afaguei-lhe as mãos...

falei-lhe de amor... e ela disse que não.

Andei barbado, sujo e descalço, como um nona-ngamba.

Procuraram por mim

« — Não viu... (ai, não viu... ?) não viu Benjamim ? »

E perdido me deram no morro da Samba.

Para me distrair
levaram-me ao baile de sô Januário
mas ela lá estava num canto a rir
contando o meu caso às moças mais bonitas do Bairro
operário.

Tocaram um rumba — dansei com ela
e num passo maluco voámos na sala
qual uma estrela riscando o céu!
E a malta gritou: «Aí, Benjamim!»
Olhei-a nos olhos — sorriu para mim
pedi-lhe um beijo — e ela disse que sim.

SERÃO DE MENINO

Na noite morna, escura de breu,
enquanto na vasta senzala do céu
de volta das estrelas, quais fogaréus,
os anjos escutam parábolas de santos...

na noite de breu,
ao quente da voz
de suas avós,
meninos se encantam
de contos bantus...

«Era uma vez uma corça
dona de cabra sem macho...

.....
...Matreiro, o cágado lento
tuc... tuc... foi entrando
para o conselho animal...
(« — Tão tarde que ele chegou! »)
Abriu a boca e falou,
deu a sentença final:
« — Não tenham medo da força!
Se o leão o alheio retém
— luta ao Mal! Vitória ao Bem!
tire-se ao leão, dê-se à corça ».

Mas quando lá fora
o vento irado nas frestas chora
e ramos xuaxalha de altas mulembas
e portas bambas batem em massembas
os meninos se apertam de olhos abertos :

— Eué

— É casumbi...

E a gente grande —
bem perto dali
feijão descascando para a quitanda —
a gente grande com gosto ri...

Com gosto ri, porque ela diz
que o casumbi males só faz
a quem não tem amor, os mais
seres buscam, em negra noite,
essa outra voz de casumbi
essa outra voz — Felicidade...

POEMAS DE AGOSTINHO NETO

Minha Mãe

(as mães negras cujos filhos
partiram)
tu me ensinaste a esperar
como esperaste paciente nas horas difíceis

Mas em mim
a vida matou essa mística esperança

Eu não quero
sou aquele por quem se espera

A Esperança somos nós
os teus filhos
partidos para uma fé que alimenta a vida

Nós as crianças nuas das senzalas do mato
os garotos sem escola a jogar bola de trapos
nos areais ao meio dia
nós mesmos
os contratados a queimar vidas nos cafèzais
os homens negros ignorantes
que devem respeitar o branco
e temer o rico
somos os teus filhos dos bairros de pretos
além onde não chega a luz eléctrica
os homens bêbedos a cair
abandonados ao ritmo dum batuque de morte
teus filhos
com fome
com sede
com vergonha de te chamarem mãe
com medo de atravessar as ruas
com medo dos homens

Somos nós
a esperança em busca de vida.

MUSSANDA AMIGO

Para aqui estou eu
Mussanda amigo,
 Para aqui estou eu

Contigo
Com a firme vitória da tua alegria
e da tua consciência
 — o ió Kalunga ua mu bangele!
 o ió Éalunga ua mu bangele — lélélé...

Lembras-te?
Da tristeza daqueles tempos
em que íamos
comprar mangas
e lastimar o destino
das mulheres da Funda,
dos nossos cantos de lamento,
dos nossos desesperos
e das nuvens dos nossos olhos,
Lembras-te?

Para aqui estou eu
Mussanda amigo.

A vida, a ti a devo
à mesma dedicação, ao mesmo amor
com que me salvaste do abraço
da gibóia

à tua força
que transforma os destinos dos homens.

A ti devo a vida.
E escrevo versos que tu não entendes!
Compreendes a minha angústia?

Não era isto
o que nós queríamos, bem sei
mas no espírito e na inteligência
nós somos.

Inseparáveis
caminhando ainda para o mesmo sonho.

Os corações batem ritmos
de noites fogueirentas
Os pés dançam sobre palcos
de místicas tropicais
os sons não se apagam dos ouvidos.
o ió Kalunga ua mu bangele...
Nós somos.

8

MARÇO - 1961

correspondência para

EGITO GONÇALVES

Rua de Santa Catarina, 840 - PORTO

directão literária

EGITO GONÇALVES

PAPINIANO CARLOS

LUÍS VEIGA LEITÃO

ANTÓNIO REBORDÃO NAVARRO

gráfica

ÁLVARO A. PORTUGAL

gravura

CHARLES WHITE

0419
AC-01